

## ESPACIALIZANDO REFLEXÕES SOBRE A GEOGRAFIA ESCOLAR: O USO DE CHARGE COMO ELEMENTO NORTEADOR DE ANÁLISE

## SPATIALISING REFLECTIONS ABOUT SCHOOL GEOGRAPHY: THE USE OF CARTOONS AS A GUIDING ANALYSIS ELEMENT

Djeovani Roos<sup>1</sup>

Terezinha Corrêa Lindino<sup>2</sup>

### RESUMO:

Refletir sobre a *Geografia Escolar* é uma tarefa árdua, mas que merece formidável atenção na atualidade. Para tanto, propõem-se neste artigo uma reflexão e discussão sobre o processo de ensino e aprendizagem da Geografia e as suas composições metodológicas na aprendizagem dos alunos; de modo a levantar as fundamentações do ensino de Geografia e a apreender à prática educativa da *Geografia Escolar*. Ao buscar o entendimento do espaço geográfico e suas concepções, evidencia-se a utilização de metodologias de ensino diversificada, por exemplo, o uso da linguagem de *charge* no ensino de Geografia, visto que essa linguagem permite aderir maior abrangência no aprendizado e na participação dos alunos sobre o que está sendo abordado. Portanto, pensando geograficamente a prática educativa, inscrevendo a Geografia em seu próprio terreno escolar.

PALAVRAS-CHAVE: Ensino e Aprendizagem; Geografia Escolar; Charge.

---

<sup>1</sup> Graduado em Geografia (Licenciatura) pela Universidade Estadual do Oeste do Paraná – UNIOESTE – *Campus* de Marechal Cândido Rondon. Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal da Grande Dourados – UFGD. E-mail: [djeovani\\_roos@yahoo.com.br](mailto:djeovani_roos@yahoo.com.br).

<sup>2</sup> Professora Doutora em Educação, do Curso de Graduação em Geografia da UNIOESTE – Universidade Estadual do Oeste do Paraná – *Campus* de Marechal Cândido Rondon – PR. Líder do GEPEFOP – Grupo de Estudo e Pesquisa em Formação de Professores. E-mail: [telindino@yahoo.com.br](mailto:telindino@yahoo.com.br).

**ABSTRACT:** To reflect on pertaining to school Geography is an arduous task, but that it deserves formidable attention in the present time. For in such a way, a reflection and quarrel on the process of education and learning of Geography are considered in this article and its methodological compositions in the learning of the pupils; in order to raise the recitals of the education of Geography and to apprehend to practical the educative one of pertaining to school Geography. When searching the agreement of the geographic space and its conceptions, it is proven use of methodologies of diversified education, for example, the use of the language of *cartoon* in the education of Geography, since this language allows to adhere to greater coverage in the learning and the participation of the pupils on what he is being boarded. Therefore, thinking geographically practical the educative one, inscribing Geography in its proper pertaining to school land.

**KEY-WORDS:** Teaching-learning, School Geography, Cartoon.

## INTRODUÇÃO

No auge do processo de globalização da economia e das comunicações, circunscrita por transformações constantes, assistimos a uma época marcada pelas contradições, conflitos, individualismo e mudanças.

Na esfera da educação essa situação também é sentida. Atualmente, novos desafios para os professores estão sendo lançados. Tarefas estas nada fáceis de fazer.

Trata-se da exigência de trabalho árduo e esmiuçado. De acordo com Amorim (2009), as diversas mudanças com que a sociedade tem se deparado e passado, sejam elas econômicas, sociais, culturais ou políticas refletem significativamente na educação. Assim, no âmbito deste contexto e mais especificamente, “[...] encontra-se o ensino de Geografia, que também é atingido por essas transformações, pois

procura atender às necessidades das mais variadas camadas da sociedade, refletindo a respeito de conteúdos e métodos de ensino” (s/p).

As influências e as nuances das transformações espaciais e dos aspectos geográficos inseridos no espaço e, conseqüentemente, processados no ensino de Geografia.

Conforme Mota & Cardoso (2007, p. 293) assinalam que – na Geografia e na prática escolar desta – “Entender como se organiza o espaço significa aprender a pensar o espaço”. Por conseguinte, Pontuschka, Paganelli & Cacete (2009, p. 38) defendem que

A Geografia, como disciplina escolar, oferece sua contribuição para que alunos e professores enriqueçam suas representações sociais e seu conhecimento sobre as múltiplas dimensões da realidade social, natural e histórica, entendendo melhor o mundo em seu processo ininterrupto de transformação, o momento atual da chamada mundialização da economia.

As percepções que engendram e destacam os objetivos da ciência geográfica diante da sociedade deflagram a formação de sujeitos que sabem identificar a sua participação na dimensão social da apropriação do espaço geográfico, no que tange ao âmbito do ensino da Geografia (OLIVEIRA, 2006). Deste modo, a *Geografia Escolar* tende a desenvolver ações que promovem a reflexão sobre o papel do indivíduo na sociedade em mudança, indicando novos conteúdos e questionando métodos convencionais, de acordo com a realidade em que a sociedade se depara.

Como argumentam Alves & Sahr (2009, p. 50), “A ciência geográfica possui um amplo potencial em seus campos epistemológicos que até então não foram explorados completamente e adequadamente”. Portanto, o ensino de Geografia

tenciona a compreensão dos conceitos geográficos – espaço, lugar, território, paisagem, região – de forma concisa e elaborada, visto que esses elementos inter-relacionam-se diretamente com o sistema vigente e permitem que os alunos apreendam as funcionalidades decorrentes no meio geográfico.

À Geografia compete “Conhecer o espaço é conhecer a rede de relações a que se está sujeito, da qual se é sujeito” (DAMIANI, 1999, p. 50). Mais especificamente, o ensino de Geografia adquire dimensão fundamental no processo de formação de cidadãos, no que tange ao desenvolvimento da reflexão em torno dos fatos que se desenrolam no meio.

Observa-se que as análises da Geografia são muitas vezes pontuadas na historicidade do espaço, comprometendo-se com as interpretações e as bases teóricas sobre os acontecimentos que ocorrem em nível local ou global (PAULINO, 2008).

Como assinala Santos (1996, p. 114), como “[...] o espaço é tempo acumulado, é história geografizada”, a *Geografia Escolar* ensinada é um produto histórico social, pois, tanto o professor quanto o aluno são seres históricos, pertencentes à determinada localidade do espaço geográfico, carregando consigo uma bagagem histórica, adquirida da sua própria vivência.

Pontuschka, Paganelli & Cacete (2009, p. 264) destaca que a Geografia, “[...] enquanto disciplina escolar, deve propiciar ao aluno a leitura e a compreensão do espaço geográfico como uma construção histórico-social, fruto das relações estabelecidas entre sociedade e natureza”. Nesta acepção, constata-se que a

abrangência apresentada pelos autores denota a ação de configuração e reconfiguração da Geografia como processo.

Assim, a Geografia tende a possibilitar aos professores e aos alunos a compreensão da realidade e das questões que envolvem o ensino e a educação (PINHEIRO & MASCARIN, 1996). Essencialmente, a Geografia como o estudo do espaço e das múltiplas relações defende que “[...] pensar geografia é pensar o mundo nas suas múltiplas relações, analisando a multiplicidade de elementos constituintes do espaço” (GOULART, 2003, p. 162).

Neste estudo, defende-se que esse é o verdadeiro sentido da Geografia: o de pensar, analisar, questionar o espaço geográfico e os fatos que ocorrem nele. Para tanto, em sala de aula deve-se buscar entender as ocorrências e as transformações deste espaço.

Barbosa & Azevedo (2011, p. 54) afirmam que “Ensinar Geografia significa possibilitar a compreensão do espaço nos aspectos materiais e imateriais, ou em termos marxistas, compreender dialeticamente a realidade”. É ir além, acrescenta Carlos (2007, s/p); pois,

Podemos inicialmente afirmar que à Geografia cabe, no processo de divisão intelectual do trabalho, a análise do espaço através do materialismo dialético, que pensa o espaço enquanto produção/produto da ação da sociedade. O espaço é uma noção ao mesmo tempo abstrata e concreta, e sua produção social revela o plano da prática sócio-espacial.

No ensino de Geografia, as concepções e os conceitos devem ser destacados durante o processo de ensino e aprendizagem. Como Oliveira (1998, p. 142) alerta “[...] cabe à geografia levar a compreender o espaço produzido pela sociedade em

que vivemos hoje, suas desigualdades e contradições, as relações de produção que nela se desenvolvem e a apropriação que essa sociedade faz da natureza”.

Historicamente, é sabido que a *Geografia Escolar* tem sido vista como a disciplina que enumera os fatos para cada porção territorial estudada (ROCHA, 1996). Também é sabido que ela conserva características acríticas na articulação entre teoria e prática.

Mas, como promover uma *Geografia Escolar* que exprima a importância que ele possui no desenvolvimento intelectual dos sujeitos aprendizes? Nota-se que a ciência geográfica vem sofrendo modificações e mudanças em seus conceitos e nas formas de ser ensinada nas escolas.

Neste sentido, ao distinguir os fenômenos geográficos em uma prática educativa, este estudo procura destacar e fundamentar o uso de *charge* como *modus operandi* de posturas éticas e políticas frente aos conteúdos ministrados nas aulas de Geografia.

Coloca-se em evidência que a *charge* é uma linguagem apropriada para a construção do pensamento crítico, pois proporciona maior entendimento dos conceitos geográficos desenvolvidos nas aulas de Geografia. Esta linguagem encontra-se vinculada à percepção crítica do aluno. Sendo uma abordagem de ensino propulsora e geradora de questionamentos e reflexão dos sujeitos aprendizes, ao mesmo tempo em que se utiliza da característica humorística para despertar a curiosidade dos alunos sobre a complexidade das relações que se desembaraçam no espaço geográfico.

## A UTILIZAÇÃO DA *CHARGE* NA GEOGRAFIA ESCOLAR

A complexidade da discussão do processo de ensino e aprendizagem na *Geografia Escolar* requer uma tomada de atenção para compreender melhor e de forma apropriada as fundamentações que regem o processo educacional e o ensino da disciplina geográfica.

Compreende-se que a *Geografia Escolar* está inserida no fogo dialético entre a realidade da sala de aula e da escola, entre as transformações históricas da produção geográfica na academia e as várias ações que permeiam a realidade socioespacial (PONTUSCHKA, 1999). Nesse contexto, Vesentini (1999, p. 22) enfatiza que hoje “[...] é extremamente importante, muito mais que no passado, que haja no sistema escolar uma(s) disciplina(s) voltada(s) para levar o aluno a compreender o mundo em que vive, da escala local até a planetária, dos problemas ambientais até os econômico-culturais”.

Observa-se ainda que o ensino de Geografia possua formidável importância na execução dessas atribuições, tendo a tarefa de despertar nos alunos as devidas compreensões e análises sobre a realidade social e espacial. Na compreensão de Milton Santos, averigua-se que

Para ter eficácia, o processo de aprendizagem deve, em primeiro lugar, partir da consciência da época em que vivemos. Isto significa saber o que o mundo é e como ele se define e funciona, de modo a reconhecer o lugar de cada país no conjunto do planeta e o de cada pessoa no conjunto da sociedade humana. É desse modo que se podem formar cidadãos conscientes, capazes de atuar no presente e de ajudar a construir o futuro (SANTOS, 1997, p. 121).

Assim, compreende-se, de acordo com Silva & Oliveira (2008), que ser cidadão íntegro na plenitude de nossa época significa antes de tudo estar integrado criticamente à sociedade, participando ativamente de suas transformações. “Para isso, devemos refletir sobre o nosso mundo, compreendendo-o do âmbito local até os âmbitos nacional e planetário. E a geografia é um instrumento indispensável para empreender essa reflexão, reflexão que deve ser à base de nossa atuação” (p. 2).

Não se trata de criar alunos-geógrafos. O que se disserta aqui é a essencialidade do ensino de Geografia em promover a compreensão dos elementos que configuram o espaço geográfico, abrindo espaço para os sujeitos aprendizes atribuírem as suas reflexões, a pensarem por conta própria, desenvolvendo as suas interpretações críticas e argumentativas, posicionando-se e conscientizando-se criticamente diante da realidade, enfim, destaca-se a envergadura desse ensino na promulgação da cidadania.

De acordo com Pontuschka, Paganelli & Cacete (2009, p. 38),

A Geografia, como disciplina escolar, oferece sua contribuição para que alunos e professores enriqueçam suas representações sociais e seu conhecimento sobre as múltiplas dimensões da realidade social, natural e histórica, entendendo melhor o mundo em seu processo ininterrupto de transformação.

Callai (2003, p. 64) acrescenta afirmando que

Como componente curricular de todo o ensino básico, cabe à geografia um papel significativo no processo de formação do jovem. O desafio é como tornar este estudo um instrumento de construção da cidadania, fazendo com que o estudante tenha os instrumentos adequados para fazer a leitura do espaço.

A discussão que vem se consolidando neste trabalho refere-se às questões teóricas e metodológicas do ensino de Geografia. Nessa análise, verifica-se que o

ensino de Geografia é um desafio constante que necessita ser atualizado cotidianamente para compor as contextualizações que a disciplina exige, abrangendo os significados geográficos que se desenrolam na sociedade e na espacialidade.

Entende-se que a análise do ensino em Geografia é de fundamental importância para compreender mais aprofundadamente às questões inerentes às concepções que tratam dessa disciplina curricular. Neste viés, pergunta-se: como o ensino de Geografia e as metodologias didático-pedagógicas se dialogam?

Vesentini (1999, p. 18) é categórico ao afirmar que “[...] a liberdade de criar, de ousar, de inovar é indispensável a um bom ensino, inclusive pela perspectiva da reprodução ampliada do capital”. A ousadia e a vontade própria de pensar devem estar na essência da articulação e da manifestação do ensino geográfico.

São nessas fundamentações que o papel do ensino de Geografia deve se articular e se designar no exercício de sua prática educacional em sala de aula.

Como Sousa Neto (2001, p. 116) assinala “[...] a aula é o lugar onde se realiza uma permanente luta política e ideológica”. Portanto, a aula é o local donde se materializa a prática educativa e os saberes geográficos. Ou seja, “[...] consideramos que a aula tem uma função relevante, pois é o momento no qual se pode organizar o conhecimento e o pensamento do aluno, a partir da atividade de aprendizagem” (CASTELLAR, 2006, p. 48).

Oliva (1999, p. 48) destaca que “A educação como valor atua na formação ampla do indivíduo, na formação de atitudes, como elemento de inserção do indivíduo no universo cultural e de conhecimento humano. Como fonte de

socialização e crescimento desse indivíduo”. O processo de ensino e aprendizagem em Geografia se esboça com o uso de metodologias de ensino, designando maior desenvoltura às discussões que permeiam a *Geografia Escolar*.

Conforme Nunes (2008, s/p) salienta, “O professor precisa trazer novas metodologias de ensino para a sala de aula, deixando de trabalhar somente com o livro didático e com assuntos que estão desvinculados da realidade dos alunos”, pois, “O bom professor deve criar, deve ousar, deve aprender ensinando” (VESENTINI, 1996, p. 220).

Aqui se destaca a necessidade de um encaminhamento metodológico crítico na contextualização do ensino de Geografia, que utilize métodos que instiguem ou agucem o raciocínio dialético dos alunos; que incentive a reflexão sobre a sociedade e o espaço geográfico, vistos nas esferas local e global.

Enfatiza-se, ainda, que os elementos contidos em uma metodologia crítica tendem a contribuir com o aperfeiçoamento dos professores e dos alunos. Entretanto, a caracterização e aplicação de métodos estratégicos relacionados com o processo de ensino e aprendizagem da prática escolar geográfica devem visar à superação das dificuldades e impasses encontrados no desenvolvimento do ensino tradicional da *Geografia Escolar*.

De acordo com Castellar (2006, p. 39), “Uma aprendizagem com base na construção do conhecimento sustenta que o aluno é um sujeito mentalmente ativo na aquisição dos saberes, estabelecendo-se como objetivo prioritário a potencialização de suas capacidades de pensamento” e, mediante a estas

constatações, coloca-se em evidência o desafio de como tornar a Geografia mais atraente para os alunos (SILVA & OLIVEIRA, 2008).

Mendes & Fonseca (2010, p. 1) enfatizam que como

A Geografia Escolar aborda várias temáticas e o entendimento das mesmas requer uma análise em escala local e global. Deste modo, é necessária a utilização de recursos didáticos diversos facilitando o ensino-aprendizagem, pois fazer da Geografia uma disciplina interessante é um desafio e exige esforço do professor que vai além de ministrar simplesmente aulas expositivas.

Destaca-se aqui que para a consolidação de um ensino significativo em Geografia é preciso fazer o uso de estratégias de ensino para aprimorar a aprendizagem e despertar a curiosidade e o interesse dos alunos sobre a complexidade socioespacial. Nesse arcabouço, Pontuschka, Paganelli & Cacete (2009, p. 77) ressaltam que

O objetivo dos professores compromissados com o ensino é fazer escolhas ou opções que elevem os alunos a patamares superiores do ponto de vista da abstração e da consciência sobre a importância do conhecimento do espaço geográfico para sua vida como ser humano e como cidadão participante deste mundo complexo.

Como se sabe a Geografia busca compreender, analisar e explicar o espaço produzido pela sociedade e como disciplina escolar ela permite que os sujeitos se percebam como participante do espaço que estuda, no qual os elementos, em sua multiplicidade de categorias que ali ocorrem, são processos resultantes da vida e do trabalho das pessoas e que estão inseridas num processo de desenvolvimento.

Dessa maneira, averiguou-se que a função e a intenção da *Geografia Escolar* deveriam promover um ensino dinâmico, que ofereça subsídios na efetuação dos estudos, independentemente de quem for executá-los. Nesse intuito, esse estudo

utiliza-se, como forma de análise, da linguagem instituída pela *charge* no ensino de Geografia para explicar e interpretar a forma como se apresenta os conteúdos, pois pelo seu caráter específico, ela permite realizar uma análise aprofundada das contradições e das relações conflitantes existentes nas contextualizações do espaço geográfico no ambiente escolar.

A forma como a *charge* for trabalhada nas aulas de Geografia é que vai demonstrar as posturas e direcionamentos paradigmáticos a que se espera no ensino da *Geografia Escolar*, de modo a elevar a criticidade, a criatividade e a dialogicidade dos alunos.

Os elementos cotidianos da realidade sugerem aprofundar a compreensão, interpretação e explicação dos fenômenos sociais e espaciais nos estudos geográficos que se mostrará como diferente do tradicional. Neste sentido, Kaercher (1999, p. 65) ressalta que

[...] a Geografia pode ser um instrumental valioso para elevarmos a criticidade de nossos alunos. Por tratar de assuntos intrinsecamente polêmicos e políticos, a Geografia pode gerar um sem número de situações-limite, quebrando-se assim a tendência secular de nossa escola como algo tedioso e desligado do cotidiano.

Aliada a essa concepção, a funcionalidade da *charge* no ensino de Geografia mostra-se pertinente, visto que este tipo de linguagem sugere e instiga a atuação efetiva dos sujeitos aprendizes. Em outras palavras, ela permite a flexibilidade na explicação dos conteúdos e na participação dos alunos, sustentando o diálogo entre professor e aluno e articulando o desempenho da prática escolar em Geografia.

Contudo, a *charge* não deve ser vista somente como um elemento a mais na aula – como apenas uma forma de exemplificação daquilo que se está trabalhando

ou descrevendo na aula. Indica-se que ela deva encontrar-se vinculada à percepção do aluno, passando a ser vista como elo entre os fenômenos geográficos e a prática educativa. Freire (1996, p. 32) ressalta que

A curiosidade como inquietação indagadora, como inclinação ao desvelamento de algo, como pergunta verbalizada ou não, como procura de esclarecimento, como sinal de atenção que sugere alerta faz parte integrante do fenômeno vital. Não haveria criatividade sem a curiosidade que nos move e que nos põe pacientemente impacientes diante do mundo que não fizemos, acrescentando a ele algo que fazemos.

Neste sentido, a *charge* pode ser um bom mediador na materialização, na ampliação e na qualificação da perspectiva crítica do aluno.

Mas, o que se entende por *charge*? Quais as suas fundamentações e características? E qual a sua contribuição nas designações da *Geografia Escolar*?

Partindo desses pressupostos, a *charge* exprime formidável desempenho na apreensão e explicação dos conceitos geográficos, visto que ela se constitui como linguagem visual, que promove as mais variadas leituras e relações conflitantes da sociedade. Cabe ainda ressaltar que, por meio da utilização de argumentos persuasivos, opinativos e lógicos, a *charge* tem como finalidade evidenciar partes dos problemas decorrentes na sociedade, uma vez que ela configura-se como estilo de ilustração que satiriza os acontecimentos da atualidade, explorando-o com humor crítico, e possibilita a abertura para novas interpretações e contradições (ROOS, 2012).

A *charge* nada mais é do que composições e representações dos acontecimentos estruturados, visíveis e não visíveis, com uma carga ideológica.

De acordo com Paula & Brotto (2012, p. 2), “[...] a principal característica da *charge* é a representação/construção de um evento ou fato social, imbricada de uma porção de humor crítico”. Ela exprime um tipo de manifestação crítica da sociedade, calcada nos contextos cultural, político, econômico e social.

A *charge* apresenta-se datada e localizada geograficamente. Ela é um gênero discursivo que tem a função de elaborar e explicitar eventuais ocorrências sociais, com uma dosagem de crítica sobre os fatos e os acontecimentos do mundo atual.

A utilização didática da *charge* em sala de aula configura-se como abordagem crítica do conteúdo, proporcionando aos alunos meios para a compreensão dos conceitos geográficos, de modo a estimular a visualização pormenorizada dos fatos.

Assim, a *charge* sugere mais uma forma de protesto e de indignação social aos acontecimentos inerentes à sociedade e à espacialidade geográfica. Ela sugere ainda a necessidade de ir além da objetividade. Seu uso promove uma aula mais dinâmica e descontraída.

Mendes e Fonseca (2010, p. 4) enfatizam que “Através da *charge* a aula pode [se] tornar mais receptiva e significativa, motivando discussões do contexto em que os sujeitos estão inseridos”. Nessa perspectiva, a *charge* apreende os seus significados, o que permite aos sujeitos aprendizes debaterem sobre problemas estruturantes da sociedade e da espacialidade geográfica, entendendo os sentidos das concepções geográficas.

De acordo com Silva & Cavalcanti (2008, p. 150), “É fundamental destacar que esse tipo de leitura e interpretação amplia a capacidade de compreensão da expressão cultural, e essa riqueza de análise proporciona uma maior reflexão

questionadora das condições sociais, políticas e econômicas do mundo”; uma vez que “[...] aluno e professor estão situados e [são] frutos da práxis coletiva dos grupos sociais” (VESENTINI, 1992, p. 23).

No ensino da *Geografia Escolar*, a *charge* corrobora com as discussões geográficas ao propiciar ambientação e situação aos sujeitos aprendizes para a construção de uma visão organizada e articulada do mundo. Nesta perspectiva, Silva & Cavalcanti (2008, p. 144) apontam que

[...] a maioria dos alunos gosta desse tipo de recurso didático, quando usado de forma complementar aos conteúdos estudados. Motiva a discussão e reflexão, tornando a aula mais receptiva e agradável e, principalmente, estimula uma leitura mais apurada da realidade vivida e a desmistificação da ideologia que permeia as relações sociais e políticas do mundo.

Todavia, a utilização de *charges* pela *Geografia Escolar* ainda é tímida: “[...] esta oportunidade de reunir criatividade, criticidade, questionamento e diversão, com uma significação mais próxima dos alunos, pode resultar em maior envolvimento, interesse e mais reflexão no estudo de Geografia”, concluem Silva & Cavalcanti (2008, p. 146).

A comunicabilidade que a *charge* exprime e transmite é fundamental para a materialização de um ensino significativo e de qualidade nas contexturas da *Geografia Escolar*. Como Pontuschka, Paganelli & Cacete (2009, p. 20) apontam “[...] a comunicação apresenta-se como ferramenta imprescindível no mundo atual e como requisito fundamental no âmbito do processo de ensino e aprendizagem”. Nota-se, conforme as autoras destacam, que

O trabalho em sala de aula precisa permitir ao aluno a compreensão do espaço geográfico. Para tanto, há necessidade de um diálogo permanente com o próprio espaço para que o aluno amplie sua visão

de mundo, conheça e reconheça seu papel na sociedade tecnológica e computacional em uma economia e cultura mundializadas (PONTUSCHKA, PAGANELLI & CACETE, 2009, p. 23).

De acordo com Vesentini (2004, p. 224), “[...] no ensino de geografia é importantíssimo – é mesmo indispensável – o estudo e a compreensão da realidade local onde os alunos vivem, onde a escola se situa”. Nesse sentido, a *charge* se apresenta contendo símbolos e significados, correspondentes à realidade circundante, que permitem uma reflexão questionadora.

Suas feições caracterizam-se, muitas vezes, com ironias, irreverências e críticas aos acontecimentos no espaço geográfico, mesmo estando carregada de uma carga ideológica por trás de sua composição. Além do mais, normalmente, a *charge* se apresenta contendo somente imagem, o que auxilia na ampliação das discussões.

A *charge* não estabelece somente um caminho para a reflexão – mesmo que isso esteja explícito em sua representação. Ela abre-se para um campo de visibilidade e análise muito mais extenso, cogitando e compreendendo as várias esferas ou situações que se articulam na realidade socioespacial.

Entende-se a significância da *charge* no ensino de Geografia, pois permite e instiga os alunos a abrirem as suas mentes para uma maior interpretação do universo. Ou ainda, ela suscita nos sujeitos aprendizes a possibilidade e a capacidade de estarem expondo os seus pontos de vista e descobrindo curiosidades sobre as complexidades do espaço geográfico e dos acontecimentos que ocorrem no seu local de vivência.

Gonçalves (1999, p. 83) observa que “O espaço é o lugar da política e é ali que vários sujeitos sociais concretamente se movimentam desenvolvendo múltiplas estratégias de sobrevivência, às vezes numa aparente apatia que, logo adiante, se faz revolta”.

Já Spegiorin (2007, p. 22) esboça que

[...] a análise do espaço geográfico revela a complexidade da vida através de sua materialidade, favorecendo uma reflexão crítica sobre a realidade, possibilitando o desenvolvimento de indivíduos empreendedores, colaborativos e criativos, com melhores condições de atuação na vida social e profissional, tão urgentes na atualidade.

Tal lógica de análise determina as designações e (re) significações da prática educativa da *Geografia Escolar*, embrenhada na análise, descrição e leitura do espaço com o auxílio da *charge* como forma mediadora de aprimorar as interpretações provindas dos alunos. Desta forma, Vesentini (1996, p. 219) assinala que

O ensino da geografia no século XXI, portanto, deve ensinar – ou melhor, deixar o aluno descobrir – o mundo em que vivemos, com especial atenção para a globalização e as escalas local e nacional, deve focar criticamente a questão ambiental e as relações sociedade/natureza (sem embaralhar uma dinâmica na outra), deve realizar constantemente estudos do meio (para que o conteúdo ensinado não seja meramente teórico ou “livresco” e sim real, ligado à vida cotidiana das pessoas) e deve levar os alunos a interpretar textos, fotos, mapas, paisagens. É por esse caminho, e somente por ele, que a *Geografia Escolar* vai sobrevivendo (...).

Discernimentos estes que destacam o papel da *charge* e de sua utilização nos procedimentos de ensino e aprendizagem em Geografia. A adequada utilização da *charge*, aliada à postura crítica e à proposta de estudo fundamentada, propicia

uma aprendizagem mais ampla e com maior senso crítico, reforçada pelo potencial educativo desse recurso (SILVA & CAVALCANTI, 2008).

Percebe-se que devido às *charges* tratarem de temas atuais atrai-se o interesse e, conseqüentemente, a participação dos alunos (SILVA & OLIVEIRA, 2008).

A *charge* é mais do que um simples desenho, é crítica político-social. Graficamente, o artista expressa sua visão sobre determinadas situações cotidianas por meio do humor e da sátira. Ela é uma forma de ilustração que permite abranger o entendimento dos conteúdos relacionados com a Geografia, proporcionando o entrosamento compreensivo na relação ensino e aprendizagem, influenciada pela análise questionadora e, ainda, pelo interesse demonstrado por grande parte dos estudantes (SILVA & CAVALCANTI, 2008).

A *charge* em uma prática educativa de *Geografia Escolar* facilita a apreensão dos conteúdos discutidos na sala de aula, pois, a partir da visualização de elementos expressos cotidianamente, amplia a discussão com certo rigor científico. Cabe ressaltar que o desenvolvimento da atividade com a *charge* em sala de aula deve ser precedido de ações que possibilitem a visualização e a análise das concepções apresentadas, observando sua **funcionalidade** no processo de ensino e aprendizagem e sua **utilidade** para com a *Geografia Escolar*.

Também, verificar como ela produz a compreensão do que vem sendo comunicado, buscando a desenvoltura e o aperfeiçoamento de sua aprendizagem. Esse contexto, de acordo com Freire (1996, p. 41),

Uma das tarefas mais importantes da prática educativo-crítica é propiciar as condições em que os alunos em suas relações uns com

os outros e todos com o professor ou a professora ensaiam a experiência profunda de assumir-se. Assumir-se como ser social e histórico, como ser pensante, comunicante, transformador, criador, realizador de sonhos, capaz de ter raiva porque capaz de amar.

Em sala de aula, por meio da utilização deste tipo de linguagem, nota-se que os alunos se aproximam mais de uma forma ideal de leitura e interpretação geográfica. Constata-se, ainda, que os sujeitos aprendizes tendam a desenvolver a tomada de decisão.

Neste sentido, pensar sobre o ensino de Geografia e os direcionamentos que a prática educativa, promovida pela *charge*, requer promover esforços para desempenhar um processo de ensino e aprendizagem significativo e de qualidade aos sujeitos aprendizes.

Almejando uma *Geografia Escolar* que direcione este tipo de olhar, conforme Nunes (2008, s/p), “Será somente por meio de uma educação crítica, que problematize a própria realidade, será possível vencer com as dificuldades existentes no ensino de Geografia”.

A materialização do ensino crítico em Geografia exige a conscientização crítica e questionadora dos sujeitos aprendizes, de modo a eliminar procedimentos que somente fortalecem a memorização dos fatos. Por conseguinte, cabe ainda ressaltar que o ensino de Geografia deve se materializar para garantir uma formação adequada dos alunos como sujeitos aprendizes, despertando os seus olhares críticos e aprimorando suas reflexões dos contextos e complexidades da espacialidade geográfica.

Partindo-se deste pressuposto, neste artigo destaca-se a *charge* no ensino de Geografia como intercessora no processo de materialização da percepção dos sujeitos aprendizes. Defende-se que ela forneça uma das bases de sustentação para a explicação dos conteúdos geográficos.

Defende-se ainda que o uso da *charge* no ensino da *Geografia Escolar* cria possibilidades alternativas de significância aos conceitos abordados e promove ênfase na concretização do pensamento crítico dentro e fora da sala de aula. Silva & Cavalcanti (2008) apontam que a mediação por quadrinhos, *cartum* e *charge* no ensino de Geografia enraíza a visão científica e frutifica os propósitos didático-pedagógicos. A sua utilização estimula a atenção dos alunos, fazendo-nos refletirem sobre o demonstrado seja em escala local, regional, nacional ou mundial.

Defende-se também que a *charge* demonstra-se como um elemento desafiador, instigando o exercício do pensamento crítico tanto por parte do professor quanto pelos alunos. Como por exemplo, quando aplicada à linguagem de *charge* em sala de aula, os alunos podem se aproximarem de uma leitura e interpretação da atividade designada e dos fenômenos geográficos que se arrolam, assentando o seu senso crítico e a reflexão sobre as características que apreende a prática escolar geográfica.

As *charges* apresentam a espacialidade em suas composições, trazendo à tona a reflexão sobre a dinâmica espacial em que interagem fatores sociais, naturais, econômicos e políticos, intensificando a apreensão dos entendimentos sobre os delineamentos das concepções e/ou conceitos geográficos – região, espaço, território, paisagem, lugar – trazendo uma visão mais ampliada para que os

sujeitos aprendizes consigam desenvolver as suas habilidades de compreensão. Assim, a linguagem de *charge* proporciona uma gama de significados que dá sentido nas explicações dos fenômenos geográficos.

Evidencia-se, assim, que no desenvolvimento de uma atividade, tendo a linguagem de *charge* como mediadora das explicações, busca-se atribuir uma análise interpretativa, compreensiva e reflexiva embasado no pensamento crítico das concepções e configurações geográficas.

Para tanto, a linguagem de *charge* promove a abertura ao diálogo, ao desenvolvimento do intelectual-cognitivo, à desenvoltura do senso crítico, à contextualização da criatividade, à liberdade, à reflexão.

Despertando e desafiando os sujeitos aprendizes nas caracterizações do processo de ensino e aprendizagem em Geografia. Elementos que dão suporte e significância à utilização da *charge* em sala de aula e que ela se materializa como uma linguagem importantíssima na prática educativa da *Geografia Escolar*.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Pensar sobre o ensino de Geografia e os direcionamentos que essa prática educativa deve aderir no âmbito escolar requer um apanhado de esforço para haver a materialização das problematizações que envolvem a realidade constitutiva da *Geografia Escolar*. A qual deve compor-se e estar dosada com uma ampla parcela de postura crítica para desempenhar um processo de ensino e aprendizagem significativo e de qualidade para os sujeitos aprendizes.

Almejando uma *Geografia Escolar* que direcione os seus olhares e pensamentos na formulação e construção de um ensino que vise à qualidade e o aprimoramento das características que agregam o processo de ensino e aprendizagem, composto na dinamicidade e no desenvolvimento da prática escolar geográfica. É orientando e fornecendo elementos para uma análise – *crítica* – da realidade que a *Geografia Escolar* deve proceder e estar calcada para garantir as condições mínimas de um aprendizado significativo.

Essa análise permite uma maior interação e dinamismo no aprendizado das questões geográficas. E, é nessa reflexão do pensar e fazer geográfico que o ensino de Geografia deve se materializar para garantir uma formação adequada dos alunos como sujeitos aprendizes, despertando os seus olhares críticos e aprimorando suas reflexões dos contextos e das complexidades da espacialidade geográfica.

Pressupostos que colocam em evidência os procedimentos da prática educativa da Geografia Escolar, na qual argumentamos a vitalidade de estar inserindo novos arranjos no ensino de Geografia, como, por exemplo, a atribuição da linguagem de *charge* na articulação dos encaminhamentos e delineamentos do processo de ensino e aprendizagem geográfica. Promulgando novas construções do pensar geográfico, em que permita que os indivíduos se orientem e se localizem espacialmente. É trazer para o contexto da Geografia Escolar – principalmente no seio de suas falácias – esses elos da multiplicidade geográfica a refletir geograficamente o espaço e que tais aspectos discursivos se embrenhem no interior do ambiente escolar, reconhecendo o sujeito-aluno como capaz e questionador na abrangência de tal reflexão e dos arranjos espaciais envolventes.

Enfatiza-se a utilização da linguagem de *charge* no ensino de Geografia para a atribuição do aprendizado e materialização do processo de ensino e aprendizagem dos sujeitos aprendizes. Essa linguagem fornece uma base de sustentação para a explicação dos conteúdos geográficos e compreensão dos contextos espaciais.

O uso de *charges* no ensino da *Geografia Escolar* cria possibilidades de aprimoramento e aperfeiçoamento da explicação dos conteúdos geográficos, visto que esta linguagem alternativa fornece meios de dinamizar o conteúdo, pois aglutina significância aos conceitos abordados e promove ênfase na concretização do pensamento crítico, criativo, inovador, aguçando os questionamentos dentro e fora da sala de aula.

Reforçado por Silva & Cavalcanti (2008), a mediação de quadrinhos, *cartum* e *charge* no ensino de Geografia, por meio do humor, aprofunda a visão científica e amplia os propósitos didático-pedagógicos. Mais ainda, a utilização dessa linguagem se verifica como um estimulante à atenção dos alunos, fazendo-os refletirem e questionarem sobre o demonstrado, elevando a uma condição de maior absorção e compreensão dos conteúdos. Além de retratar muitas situações da cotidianidade e de cunho geográfico que podem ser analisadas em escala local, regional, nacional ou mundial.

Defende-se que as *charges* sugerem, desta maneira, aos alunos a reflexão e interpretação dos acontecimentos que se processam no espaço geográfico, fazendo com que esses sujeitos desenvolvam a criticidade em uma esfera de construção intelectual e cognitiva, desmitificando as formas de pensamento geográfico e engendrando novas características de pensar e repensar o ensino de Geografia. Isto

é, a *charge* demonstra-se como uma linguagem desafiadora, instigando o exercício do pensamento crítico dos alunos, isto visto, quando utilizada de maneira coerente no âmbito das concepções da *Geografia Escolar*.

## REFERÊNCIAS

ALVES, Ana Paula F. & SAHR, Cicilian L. L. Geografia ensinada – geografia vivida? Conceitos e abordagens para o ensino fundamental no Paraná. **Revista Aluno Expressões Geográficas**. Florianópolis – SC, n. 05, ano V, p. 49-60, 2009. (<[www.geograficas.cfh.ufsc.br](http://www.geograficas.cfh.ufsc.br)>).

AMORIM, Wagner M. Pinchemel. **A evolução do ensino de geografia no Brasil**. Publicado em 04 de janeiro de 2009. Disponível em: <<http://www.webartigos.com/artigos/a-evolucao-do-ensino-de-geografia-no-brasil/13058/>>.

BARBOSA, Tulio. & AZEVEDO, José R. Nunes de. Contribuições marxistas para pensarmos o ensino de geografia. **Revista Brasileira de Educação em Geografia**. Rio de Janeiro – RJ, vol. 1, n. 2, p. 52-73, 2011. (<[www.revistaedugeo.com.br](http://www.revistaedugeo.com.br)>).

CALLAI, Helena C. Do ensinar geografia ao produzir o pensamento geográfico. In. REGO, Nelson *et alli*. (Orgs.). **Um pouco do mundo cabe nas mãos; geografizando em educação o local e o global**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2003.

CARLOS, Ana Fani Alessandri. A “Geografia Crítica” e a crítica da Geografia. **Scripta Nova. Revista Electrónica de Geografía y Ciencias Sociales**. Barcelona: Universidad de Barcelona, vol. XI, n. 245 (03), 2007. Disponível em: <[www.ub.es/geocrit/sn/sn-24503.htm](http://www.ub.es/geocrit/sn/sn-24503.htm)>. [ISSN: 1138-9788].

CASTELLAR, Sonia. A psicologia genética e a aprendizagem no ensino de geografia. In. CASTELLAR, Sonia. (Org.). **Educação geográfica: teorias e práticas docentes**. 2ª Ed. São Paulo: Contexto, 2006.

DAMIANI, Amélia L. A geografia e a construção da cidadania. In. CARLOS, Ana Fani Alessandri. (Org.). **A geografia em sala de aula**. São Paulo: Contexto, 1999.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GONÇALVES, Carlos Walter Porto. Reformas no mundo da educação reformas no mundo. In. CARLOS, Ana Fani A. & OLIVEIRA, Arioaldo Umbelino de. (Orgs.).

**Reformas no mundo da educação:** parâmetros curriculares e geografia. São Paulo: Contexto, 1999.

GOULART, Lígia Beatriz. Pensando a geografia como possibilidade de transversalizar o conhecimento: os projetos de trabalho. In. REGO, Nelson. *et al.* (Orgs.). **Um pouco do mundo cabe nas mãos:** geografizando em educação o local e o global. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2003.

KAERCHER, Nestor André. **Desafios e utopias no ensino de geografia.** 3ª Ed. Santa Cruz do Sul – RS: EDUNISC, 1999, 150 p.

MENDES, Francielle de França. & FONSECA, Gildete Soares. Ensino de geografia: limites e possibilidades na utilização de *charges*. **Anais XVI Encontro Nacional dos Geógrafos – Crise, práxis e autonomia: espaços de resistências e de esperanças.** Porto Alegre – RS, 2010.

MOTA, Patrícia N. & CARDOSO, Eduardo S. O ensino de Geografia e a utilização de imagens de satélite. **Boletim Gaúcho de Geografia.** Porto Alegre – RS, n. 33, p. 291-304, 2007.

NUNES, Rozele Borges. O ensino da geografia na sala de aula. In. **Anais do II Seminário: Diálogos com Paulo Freire:** Educação Popular, Formação Profissional e Movimentos Sociais. Pelotas – RS, 2008. Disponível em: [www.ufpel.edu.br/fae/dialogoscompaulofreire](http://www.ufpel.edu.br/fae/dialogoscompaulofreire).

OLIVA, Jaime Tadeu. Ensino de geografia: um retardo desnecessário. In. CARLOS, Ana Fani Alessandri. (Org.). **A geografia em sala de aula.** São Paulo: Contexto, 1999.

OLIVEIRA, Ariovaldo Umbelino de. (Org.). **Para onde vai o ensino de geografia?** 6ª Ed. – São Paulo: Contexto, 1998.

OLIVEIRA, Marlene Macário de. A *Geografia Escolar*: reflexões sobre o processo didático-pedagógico do ensino. **Revista Aluno Expressões Geográficas.** Florianópolis – SC, n. 02, p. 10-24, 2006. ([www.cfh.ufsc.br/~expgeograficas](http://www.cfh.ufsc.br/~expgeograficas)).

PAULA, Carla Ramos de. & BROTTTO, Ivete Janice de Oliveira. *Charge*: a expressão do caos na esfera política. **Jornal O Paraná.** Cascavel/PR, Edição nº. 11.002, Ano 36, 13 de junho de 2012.

PAULINO, Clénice. **A Educação e o Ensino da Geografia.** Publicado em 11 de agosto de 2008. Disponível em: [www.webartigos.com](http://www.webartigos.com).

PINHEIRO, Antonio C. & MASCARIN, Sílvia R. Problemas sociais da escola e a contribuição do ensino de geografia. **Revista Terra Livre: Geografia, Política e Cidadania.** São Paulo: AGB, n. 11-12, p. 243-264, 1996.

PONTUSCHKA, Nídia Nacib. A Geografia: Pesquisa e Ensino. In: CARLOS, Ana Fani Alessandri. (Org.). **Novos Caminhos da Geografia.** São Paulo: Contexto, 1999.

PONTUSCHKA, Nídia N.; PAGANELLI, Tomoko I. & CACETE, Núria H. **Para ensinar e aprender Geografia.** 3ª ed. São Paulo: Cortez, 2009.

ROCHA, Genylton Odilon Rêgo da. Ensino de geografia e a formação do Geógrafo-Professor. **Revista Terra Livre: Geografia, Política e Cidadania**. São Paulo: AGB, n. 11-12, p. 177-188, 1996.

ROOS, Djeovani. **Os discursos existentes no ensino e na aprendizagem de Geografia: o uso de charge como elemento norteador de análise**. Monografia (TCC – Conclusão de Curso). UNIOESTE – Universidade Estadual do Oeste do Paraná, *campus* de Marechal Cândido Rondon, 2012.

SANTOS, Milton. **A natureza do espaço: técnica e tempo. Razão e emoção**. Editora HUCITEC, São Paulo, 1996.

SANTOS, Milton. **Técnica, Espaço, Tempo: globalização e meio técnico-científico informacional**. 3ª Edição. São Paulo: Editora HUCITEC, 1997.

SILVA, Eunice I. da. & CAVALCANTI, Lana de S. A mediação do ensino-aprendizagem de geografia, por *charges*, *cartuns* e tiras de quadrinhos. **Boletim Goiano de Geografia**. Goiânia – GO, v. 28, n. 2, p. 141-156, 2008.

SILVA, Gerson da. & OLIVEIRA, José R. de. Algumas estratégias para o ensino de geografia. In. **Anais do I Simpósio sobre Pequenas Cidades e Desenvolvimento Local e XVII Semana de Geografia/UEM** (Universidade Estadual de Maringá). Maringá – PR, 2008.

SOUSA NETO, Manoel Fernandes de. A aula. **Revista Geografares**. Vitória – ES, n. 2, p. 115-120, 2001.

SPEGIORIN, Mônica de Toledo e Silva. **Por Uma Outra Geografia Escolar: o prescrito e o realizado na atividade de ensino-aprendizagem de Geografia**. São Paulo, 2007. 204 p. Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem): Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.

VESENTINI, José William. (Org.). **Para uma geografia crítica na escola**. São Paulo: Editora Ática, 1992.

\_\_\_\_\_. O novo papel da escola e do ensino da geografia na época da terceira revolução industrial. **Revista Terra Livre: Geografia, Política e Cidadania**. São Paulo: AGB, n. 11-12, p. 209-224, 1996.

\_\_\_\_\_. Educação e ensino da geografia: instrumentos de dominação e/ou libertação. In. CARLOS, Ana Fani Alessandri. (Org.). **A geografia em sala de aula**. São Paulo: Contexto, 1999.

\_\_\_\_\_. **O ensino de geografia no século XXI**. – Campinas, SP: Papirus, 2004.